

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora

Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 2 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-663-8

DOI 10.22533/at.ed.638200812

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. II**, coletânea de dezoito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse segundo volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários e estudos em música.

Estudos literários, com onze contribuições, traz análises sobre Bruno de Menezes, Clarice Lispector e Mário de Andrade, lírica na sala de aula, imigração e identidade japonesa e semiótica greimasiana. Além desses conteúdos, temos Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, José Régio, Jorge de Sena, Ruy Duarte de Carvalho e Jorge Barbosa.

Em estudos em música, com sete capítulos, são verificados estudos que versam sobre Villa-Lobos, Cornélio Pires, Mozart, a partir do seu concerto para piano. Além desses relevantes conteúdos, temos considerações sobre a prática coral, a musicoterapia e o kpop.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRUNO DE MENEZES: VIVÊNCIAS E POÉTICAS	
Lorena Cácia de Jesus dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6382008121	
CAPÍTULO 2	14
O EMPODERAMENTO DAS MULHERES NOS ROMANCES DE CLARICE LISPECTOR	
Luana Munhoz Soriano Kubis Specht	
Rodrigo Augusto Kovalski	
DOI 10.22533/at.ed.6382008122	
CAPÍTULO 3	29
MÁRIO DE ANDRADE, INTÉRPRETE DO BRASIL: FICCIONALIZAÇÃO DO CANTADOR NORDESTINO	
Suéilton de Oliveira Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6382008123	
CAPÍTULO 4	40
ESTUDOS COMPARADOS: INCURSÕES DA POESIA LÍRICA EM SALA DE AULA	
Amanda Ramalho de Freitas Brito	
DOI 10.22533/at.ed.6382008124	
CAPÍTULO 5	50
HARU ET NATSU CARTAS PERDIDAS: IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE JAPONESA NO BRASIL	
Teresa Rinaldi	
DOI 10.22533/at.ed.6382008125	
CAPÍTULO 6	64
OS SENTIDOS DO CONTO “DIANTE DA LEI” NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
Cícero Freud Lacerda Leite	
DOI 10.22533/at.ed.6382008126	
CAPÍTULO 7	77
CARTA DE SÁ-CARNEIRO A PESSOA: A INSCRIÇÃO DO EU NO DISCURSO	
Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes	
Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6382008127	
CAPÍTULO 8	92
LITERATURA E CINEMA: ENTRE O DESEJO DO INDIZÍVEL E A SEDUÇÃO DA	

IMAGEM EM VERGÍLIO FERREIRA

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

DOI 10.22533/at.ed.6382008128

CAPÍTULO 9..... 101

O MITO DE NARCISO REVISITADO POR JOSÉ RÉGIO E JORGE DE SENA

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.6382008129

CAPÍTULO 10..... 111

REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA EM LAVRA DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

DOI 10.22533/at.ed.63820081210

CAPÍTULO 11..... 122

O PAPEL DA SECA E DA PESCA DA BALEIA NA EMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

DOI 10.22533/at.ed.63820081211

CAPÍTULO 12..... 129

ATRAVESSANDO O SAMBA DO “ESTADO NOVO”: OUTROS CARNAVAIS

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.63820081212

CAPÍTULO 13..... 143

O “SELO VERMELHO” DE CORNÉLIO PIRES: UMA PROPOSTA DE CATALOGAÇÃO

Carlos da Veiga Feitoza

DOI 10.22533/at.ed.63820081213

CAPÍTULO 14..... 160

ANÁLISE CRÍTICA DO CONCERTO PARA PIANO EM DÓ MENOR KV 491 DE W. A. MOZART

Angélica María Sánchez Bonilla

DOI 10.22533/at.ed.63820081214

CAPÍTULO 15..... 176

O BINÔMIO PENSAMENTO-INTELIGÊNCIA NAS NEUROCIÊNCIAS PASSANDO PELA TEORIA DA INTELIGÊNCIA MULTIFOCAL: UM PEQUENO CASO DE PRÁTICA CORAL

Edson Hansen Sant'Ana

DOI 10.22533/at.ed.63820081215

CAPÍTULO 16.....	211
“A MÚSICA NUNCA PAROU”: PASSAGENS ENTRE ENSAIO, OBRA FÍLMICA E MUSICOTERAPIA	
Ana Maria de Barros	
Ana Maria Martins Alves Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.63820081216	
CAPÍTULO 17.....	225
O QUE CANTAM AS MULHERES EM TRATAMENTO DE INFERTILIDADE ACOMPANHADAS EM MUSICOTERAPIA?	
Eliamar Aparcida de Barros Fleury	
Mário Silva Approbato	
Maria Alves Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.63820081217	
CAPÍTULO 18.....	233
ENTENDENDO KPOP: PADRÕES MUSICAIS A PARTIR DO MODELO BENNETT	
Helena Spiassi Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63820081218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	238
ÍNDICE REMISSIVO.....	240

O MITO DE NARCISO REVISITADO POR JOSÉ RÉGIO E JORGE DE SENA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 01/10/2020

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

Instituto Politécnico de Portalegre e Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa
Portalegre (Portugal)
<https://orcid.org/0000-0003-0742-5776>

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

Instituto Politécnico de Portalegre e Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa
Portalegre (Portugal)
<https://orcid.org/0000-0003-3748-5593>

RESUMO: José Régio, pseudónimo literário de José Maria dos Reis Pereira (1901-1969), e Jorge de Sena (1919-1978) são dois vultos proeminentes da literatura e da cultura portuguesas, que atravessaram o século XX rompendo com as convenções literárias e as orientações históricas e político-ideológicas do seu tempo. Régio e Sena tiveram percursos literários distintos - o primeiro foi fundador da revista *Presença*, que marcou indelevelmente o Segundo Modernismo Português, e Sena um autor cuja obra não se filia a nenhuma corrente literária embora nele sejam evidentes as influências surrealistas e neoclássicas. Os dois escritores interpretaram o mundo e a sua contemporaneidade através da palavra poética, fazendo das suas obras testemunhos

de uma experiência (auto)contemplativa e intelectualizada em que o lirismo se presentifica na linguagem e na metamorfose do real. Assim, e atendendo ao facto de na obra poética de ambos estar presente o conflito entre o Eu e o Outro, nas suas mais diversas representações, propusemos analisar comparativamente dois poemas, ambos intitulados “Narciso”, em que Régio e Sena recuperam e recriam o mito grego - de forma mais intimista e autognóstica, no poema regiano, e mais distanciada no de Jorge de Sena, sendo que, neste último, mais do que a figura mitológica em si, é a condição humana (no que esta tem de mais superficial e egocêntrico) que é posta em causa.

PALAVRAS-CHAVE: Mito de Narciso, José Régio, Jorge de Sena, literatura portuguesa.

THE NARCISSUS MYTH REVISITED BY JOSÉ RÉGIO AND JORGE DE SENA

ABSTRACT: José Régio, literary pseudonym of José Maria dos Reis Pereira (1901-1969), and Jorge de Sena (1919-1978) are two prominent figures of Portuguese literature and culture, who crossed the 20th century breaking with literary conventions and the historical and political-ideological orientations of his time. Régio and Sena had different literary paths - the first was the founder of the magazine *Presença*, which indelibly marked the Second Portuguese Modernism, and Sena an author whose work is not affiliated with any literary current although there are evident surrealist and neoclassical influences. The two writers interpreted the world and its contemporaneity through the poetic

word, making their works testimonies of a (self) contemplative and intellectualized experience in which lyricism is present in the language and metamorphosis of the real. Thus, and given the fact that in the poetic work of both the conflict between the Self and the Other is present, in their most diverse representations, we set out to analyze comparatively two poems, both entitled “Narciso”, in which Régio and Sena recover and recreate the Greek myth - in a more intimate and autognostic way, in the Regian poem, and more distant in that of Jorge de Sena, being that, in the latter, more than the mythological figure itself, it is the human condition (in what it has to more superficial and self-centered) that is called into question.

KEYWORDS: Narcissus, José Régio, Jorge de Sena, Portuguese literature.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo Krauss (2016), “a mitologia surge como uma forma do homem explicar o mundo através do fantástico e do sobrenatural” (p.48). Nesse sentido, o Mito, enquanto narrativa primordial que perdura desde os tempos imemoráveis da ancestralidade mítica, e utilizada pela mitologia greco-romana para explicar factos, fenómenos e os mistérios da natureza, é definido por Leminski (1998) nestes termos:

“Mito” é uma palavra fundadora, a fábula matriz, a estrutura primordial, leitura análoga do mundo e da vida. Sobretudo, uma leitura criativa. Ideogrâmica. Uma co-criação. O mistério da vida se explica com os mistérios das fábulas. As fábulas contém a chave semântica última dos eventos e efemérides. Mito, filosofia, ciência. O mito é um dos explicadores. O mais antigo, donde os outros saíram. Mas não é uma forma superada. Um mito não se supera (p.70).

Instituindo-se como uma leitura possível do mundo, uma “leitura criativa” como refere o autor de *Metaformose – Uma viagem pelo imaginário grego*, os mitos têm cruzado os tempos, perpetuando-se na nossa memória coletiva, sendo que, nesse processo de cristalização e revisitação têm sido interpretados à luz da Antropologia, da Psicologia, da Psicanálise, da Filosofia, da Sociologia, da Semiótica e da Literatura, sofrendo por vezes uma evolução mitêmica e uma transmutação semântica que se coaduna com o aproveitamento (legítimo) que os estudiosos nestas áreas têm vindo a fazer da mitologia grego-romana para explicar, agora cientificamente, a linguagem cifrada dos mitos. No entanto, como defende Vasconcellos (1998),

Os estudiosos podem tentar analisar os mitos como forma primitiva de explicação racional do universo, como ciência ingênua e rudimentar; outros podem vê-los como projeção de nossa vida inconsciente, etc. - o mito sobrevive a qualquer tentativa reducionista de enquadrá-lo em termos que não são os seus, reduzi-lo a alguma “chave” que supostamente o desvende - ele sobrevive inatingível, com o impacto de sua força narrativa (p. 2).

Apesar desta perspetiva da sobrevivência dos mitos na sua intangibilidade,

o certo é que eles têm constituído substrato fértil para se encontrarem explicações científicas para os fenómenos da natureza e da condição humana. Aliás, como sublinha Zipes (1993), “we refer myths and fairy tales as lies (...) but these lies are often the lies that govern our lives” (p. 4).

Deste modo, e para além das análises ancoradas em áreas do saber como as que referimos anteriormente, os mitos têm igualmente sido revisitados por escritores que neles se inspiram para expressarem literariamente, pela linguagem poética e de forma polimórfica, os seus anseios e as suas angústias, os seus medos e as suas ilusões. Na verdade, Mito e Poesia têm, segundo Barthes (cit. por Cachada, 2000) muito em comum, pois ambos são “sistema[s] semiológico[s] segundo[s], [edificados] a partir de um sistema semiológico que o[s] antecede, a língua” (p. 30). Quer isto dizer, a poesia socorre-se de uma linguagem simbólica, metafórica e alegórica para dizer a essência das coisas e do ser, analogamente ao que sucede com a linguagem dos mitos.

Também a crítica literária se tem debruçado sobre a simbologia dos mitos e a sua influência na obra poética desses autores, instituindo-se esta área como especialmente relevante no nosso estudo, que procura analisar, literariamente e de forma comparativa, dois poemas em que o mito de Narciso é revisitado - de autoria de José Régio e Jorge de Sena.

Este mito tem sido frequentemente recuperado por escritores e poetas ao longo da história da humanidade, sobretudo para exemplificar aspetos que se prendem com a vaidade e o egocentrismo da figura mitológica e, por inerência, do ser humano. A versão mais conhecida do Mito de Narciso é a de Ovídio que, no século I, no poema *Metamorfoses*, apresenta Narciso como filho de Cephisus e da ninfa Liríope. Narciso está destinado a um fim trágico, pois só poderá viver se não vir a sua imagem, como Tirésias, o oráculo, explica a Liríope. Mas Narciso torna-se num rapaz extremamente belo e por ele se apaixonam homens e mulheres, em especial a ninfa Eco, cujo amor incorrespondido a faz definhar até à morte. Narciso, cumprindo o *fatum*, ao olhar-se nas águas espelhadas de um lago, apaixona-se perdidamente por si mesmo, iniciando um processo de “sofrimento por não [se] poder alcançar a si mesmo. O desespero de Narciso leva-o à metamorfose, esmurrando o próprio peito. O seu corpo é transformado em uma flor, concretizando assim, a metamorfose que acompanha o desfecho de todos os mitos da obra [*Metamorfoses*, de Ovídio] (Krauss, 2016, p. 20).

Assim, partindo da narrativa de Ovídeo, procuramos, neste artigo, estabelecer uma relação dialética entre o carácter permanente do mito e o dinamismo da poesia nos poemas em que Régio e Sena nos dão a conhecer, literariamente, e sob diferentes ângulos ideotemáticos, a figura mitológica revisitada e metamorfoseada pelo olhar subjetivo e intimista que nela se revê ou dela se distancia fenomenológica

e ontologicamente.

2 I UMA LEITURA DE “NARCISO”, DE JOSÉ RÉGIO

Adotando a forma clássica do soneto, Régio deixa transparecer, no seu poema “Narciso”, a atitude narcisista de um sujeito poético que se debruça introspectivamente sobre si mesmo, observando a sua imagem refletida nas águas do poço (“Dobrado em dois sobre o meu próprio poço”).

Assim, na primeira parte, constituída pela primeira quadra e pelos dois primeiros versos da segunda, o eu vê-se a si mesmo como outro, ou um outro eu de mim, devido à opacidade e ao poder deformador da água estagnada: “Dentro de mim me quis eu ver. Tremia,/ Dobrado em dois sobre o meu próprio poço.../ Ah, que terrível face e que arcabouço/ Este meu corpo lânguido escondia!” O seu olhar é por isso imbuído de negatividade e de repulsa (“Ah, que terrível face”), que se mantêm nos dois versos seguintes: “Ó boca tumular, cerrada e fria,/ Cujo silêncio esfíngico bem ouço!”.

Ao contrário do que sucede no mito grego, em que Narciso, embevecido e apaixonado pela sua imagem exterior, sucumbe nas águas cristalinas, nesse simbólico mergulho que marca o fim irremediável e inevitável de um sujeito incapaz de se olhar para dentro e o mundo à sua volta, um sujeito incapaz de amar verdadeiramente, em Régio é o desejo introspectivo de se conhecer interiormente que motiva o processo de busca de si mesmo nas águas do poço.

De acordo com Abreu-Bernardes (s/d)), “No reflexo das águas, Narciso contempla o seu duplo e é contemplado por outro ser silencioso e cheio de mistério. É o símbolo do encontro do ser com o eu pleno, com o mundo interior, do ser que quer se conhecer e se reconhecer” (p. 4). Mas esse desejo autognóstico não está isento de angústia e assim se pressente *ab initio* o receio do que irá encontrar no reflexo que as águas lhe devolvem. Aliás, no primeiro verso, como refere Aida Veloso (s/d), surge “a forma tremia (note-se a sua posição em final de verso, vincadamente enfática), que denota a emoção que domina o poeta nesse gesto de se ir ver, receando o que poderá ver - terrível face e arcabouço” (p. 173).

Parece evidente, nesta primeira parte do poema, o sofrimento do sujeito que, apesar de vislumbrar uns “lindos olhos sôfregos, de moço,/ Numa frente a suar melancolia” (versos 7 e 8), se vê no presente como cadáver, com a “boca tumular, cerrada e fria” num “silêncio esfíngico” que, paradoxalmente, o eu assume ouvir. Simbolicamente, esse silêncio que se escuta “é o silêncio da sabedoria contemplativa, estágio superior da evolução espiritual e do autodomínio, onde a palavra se afunda e é absorvida por si mesma” (Chevalier e Gheerbrant, 1994, p. 532).

Mas este sujeito vai progredindo no sentido de uma maior aceitação de si ao longo do poema deixando transparecer sentimentos como desejo (“Assim me desejei”) e paixão (“em que me goze e tenha”), numa gradação crescente de intensidade emocional que culmina com a referência ao paroxismo e à plenitude erótica associada a gozo e a posse.

O sujeito empírico optou por dar voz à figura mitológica de Narciso que surge, no texto, na primeira pessoa, expondo a sua interioridade, os seus desejos e ansiedades. De facto, o sujeito poético vai-se construindo discursivamente através de vários processos, nomeadamente o recurso à memória que, enquanto princípio estruturador do texto, desencadeia momentos de introspeção e autoanálise em que o eu especular se encara a si mesmo física e psicologicamente.

O eu adota nitidamente um tom intimista e egocêntrico nos dois primeiros versos, evoluindo para um tom patético que as exclamações (“Ah, que terrível face”), as apóstrofes (“Ó boca tumular, cerrada e fria”; “ó lindos olhos”) e a anáfora (“noite estranha/ noite de amor”) põem em destaque. Através de outros processos, como as metáforas (“boca tumular”, “silêncio esfíngico”), os hipérbatos (“Dentro de mim me quis eu ver”), os paradoxos (“cujo silêncio esfíngico bem ouço”), a adjetivação rica (“terrível”, “lânguido”, “esfíngico”, “tumular”) e o ritmo cadenciado (versos decassilábicos), se constrói precisamente a identidade de Narciso, neste poema.

Estes processos embelezam o discurso intimista de um sujeito em autoanálise que, explicitamente, se assume como poeta: “Meus poemas requintados e selvagens”. Aliás, nos dois tercetos (“Assim me desejei nestas imagens./Meus poemas requintados e selvagens,/O meu Desejo os sulca de vermelho:/Que eu vivo à espera dessa noite estranha,/Noite de amor em que me goze e tenha,/...Lá no fundo do poço em que me espelho!”), o eu direciona o seu olhar para a sua escrita poética, assumindo o léxico uma clara valoração positiva. Na verdade, se até aqui o léxico apontava para os campos semânticos do horror (“terrível”, “tumular, cerrada e fria”, “esfíngico”) e do desejo (“lânguido”, “lindos”, “sôfregos” e “desejei”), agora, a partir do décimo verso, o discurso é direcionado sobretudo para a beleza e a sensualidade (“requintados”, “vermelho”, “noite de amor”, “goze e tenha”).

Curioso é verificar que este estado anímico de exacerbação dos sentidos surge sobretudo a partir do momento em que o eu se refere aos seus poemas, passando a utilizar o presente do indicativo para marcar a intemporalidade: “Meus poemas requintados e selvagens,/ o meu Desejo os sulca de vermelho”. Através de um hipérbato, o eu põe em destaque o objeto do seu desejo (que surge em maiúsculas dada a sua importância na constituição da identidade do sujeito). O vermelho tem, neste contexto, uma forte carga simbólica porque contém uma dupla significação: por um lado, está associado a fogo e a paixão; por outro, a sofrimento e a sangue. Por isso se compreende que a escrita seja arrebatadora,

mas simultaneamente dolorosa. Estes dois versos constituem uma amplificação do verso anterior: “Assim me desejei nestas imagens” que estabelece a ligação entre as duas partes do poema. Aliás, como afirma Veloso (s/d), a ideia do desejo

[...] é-nos dada pela forma desejei, pelo substantivo desejo e, sobretudo, pelos conjuntivos goze e tenha. Mas não ficamos por aqui: o vermelho - a cor mais quente - reforça a ideia atrás expressa, sugerindo o seu quê de violência, a que não é alheio o selvagens do verso anterior que contrasta com requintados. (Veloso, s/d, p. 174)

Na segunda parte, facilmente percebemos que o sujeito possui um amor narcísico pela sua produção artístico-literária, que ele considera, orgulhosamente, requintada e selvagem, por não obedecer às normas estéticas padronizadas. Deste modo se distancia dos outros, cultivando o seu amor-próprio. A última estrofe, iniciada pela causal “que”, explica o seu objetivo de vida, apontando para um futuro ansiosamente esperado: “Que eu vivo à espera dessa noite estranha”. O adjetivo “estranha” dá conta, paradoxalmente, de um estado anímico de grande lucidez, pois o sujeito percebe que o que sente não obedece ao amor convencional por outra pessoa. Simplesmente, o outro não existe para o sujeito e é o seu amor narcísico desregado que causa estranheza, inclusive a ele próprio.

No discurso, através de um processo de amplificação e de variação sobre o mesmo, a “noite estranha” dá lugar à “noite de amor em que me goze e tenha”. Veloso assinala, a propósito, que “A presença do modo conjuntivo remete para uma situação hipotética desejável). A ideia do desejo, da posse, vai ser acentuada pela expressão noite de amor, que constitui o cenário ideal para a concretização narcisista do desejo do poeta - o alcançar o seu outro eu” (Veloso, s/d, p. 174).

O último verso (“Lá no fundo do poço em que me espelho”) é sintomático da necessidade de mergulhar nas águas, desta vez estagnadas (“poço”) e, por isso, impuras, num simbólico regresso às origens e ao interior de si mesmo. É nas entranhas da terra e, por analogia, nas profundezas das águas, que habita o desconhecido, o intangível e, por vezes, o monstruoso. É esse o espaço ideal para esconder os mais secretos e proibidos desejos. Segundo Gaston Bachelard (1998, p. 25), é nesse momento que “Narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade, [...] a revelação, sobretudo, de sua realidade e de sua idealidade”. É onde, portanto, a reflexão se faz mais autêntica e reveladora.

A queda simbólica para o fundo do poço, que se presente desejada pelo sujeito cindido, não é, como o era no mito grego, um descuido involuntário ou uma punição pela vaidade que caracteriza a figura mitológica de Narciso. Significa, assim o entendemos, o momento orgástico da redenção e da tranquilidade e o reencontro com a essência do ser finalmente tornado uno. O mergulho nas profundezas do poço sinaliza assim a evolução espiritual do eu para um estágio superior de

conhecimento, pois, como referem Chevalier e Gheerbrant, 1994), “Simbolizando o conhecimento, o poço representa também o homem que atingiu o conhecimento” (p. 532). Tal significa que só nesse momento poderá realmente conhecer-se a si mesmo, num gesto que traduz a incessante busca autognóstica que, de forma recorrente, perpassa toda a obra regiana.

Assim, neste poema, o mito é interpretado apenas na perspectiva do sujeito. É ele que dá conta das suas ansiedades e dos seus desejos. Omite-se, deliberadamente, a referência à metamorfose em flor porque esse dado teria que ser narrativizado, o que não seria verosímil num poema escrito na primeira pessoa num momento obviamente anterior ao da sua própria morte.

3 I UMA LEITURA DE “NARCISO”, DE JORGE DE SENA

Pelo contrário, o poema de Jorge de Sena, também ele intitulado “Narciso”, apresenta um discurso de carácter narrativo na primeira estrofe, pois o sujeito da enunciação, com características de observador, recorre à terceira pessoa gramatical para relatar o momento em que Narciso se debruça sobre si mesmo nas águas espelhadas. “De n’água contemplar-se onde se vê Narciso/se inclina sobre si para beijar-se e a imagem/avança em lábios trémulos que o respirar/ansioso encrespa o espelho prestes a partir-se” (Sena, 1970).

A questão do tempo é relevante neste contexto porque os verbos surgem no presente do indicativo para marcar o instante em que o sujeito observa a cena. O vocábulo “prestes” aponta para a iminência de um fim inevitável, neste caso a quebra da superfície refratora que assim destrói a imagem do sujeito. Justamente, refere Veloso (s/d): “neste poema, assistimos ao embaciar da imagem, o que nos é sugerido pelo verbo encrespar (a ligeira ondulação que as águas apresentam); isto é reforçado pelo espelho prestes a partir-se, donde a brevidade da imagem, objecto da paixão” (p.184).

Nesta primeira quadra, o sujeito recorre a processos figurativos estético-estilísticos bastante diversificados quer a nível fónico quer sintático, aproveitando ao máximo o processo retórico de *ornatus*. Assim, através do hipérbato inicial (“De n’água contemplar-se onde se vê Narciso”), da aliteração em s (“se inclina sobre si para beijar-se”), da personificação (“a imagem avança”, “lábios trémulos”), da hipálage (“o respirar ansioso”), da imagem (“encrespa o espelho prestes partir-se”) e da metonímia (o espelho em vez de água), o sujeito conta, na terceira pessoa, a história de Narciso em traços gerais fixando-a no momento presente. O discurso é enriquecido pelo sopro lírico que o poeta, no ato de criação, empresta à linguagem, recorrendo ao *enjambement* para criar efeitos rítmicos e prosódicos esteticamente muito apelativos.

A segunda quadra perde o carácter predominantemente narrativo que encontráramos na primeira. O sujeito consegue dar-se conta da passagem do tempo e refletir sobre a morte de Narciso (já consumada nesse momento do discurso). É, pois, um sujeito onisciente, com capacidade de retirar ilações a partir de uma cena que, apesar de não ter sido presenciada (pois pertence à mitologia e, portanto, ao património cultural universal) é descrita com verosimilhança, como se fosse natural transpor as barreiras do tempo e do real. Assim, o leitor esquece momentaneamente que a cena mítica não poderia ter sido observada pelo sujeito textual e assiste à descrição e à narração admitindo que esse «ser de papel», na conceção heideggeriana, se inclua numa representação do mundo necessariamente ficcionada.

Nessa linha de pensamento, somos levados a acreditar que mais do que a figura mitológica em si é a condição humana (no que esta tem de mais superficial e egocêntrico) que é posta em causa. Narciso surge como a figura arquetípica e emblemática das vaidades e obsessões doentias do Homem e, assim, o sujeito poético, com o seu olhar fortemente incisivo, parte para considerações filosóficas sobre a origem do aniquilamento e da metamorfose de Narciso, rejeitando o óbvio, aquilo que muitas gerações interpretaram como sendo a causa da desgraça da figura mitológica (o “contemplan-se ou a si mesmo amar-se”) e vai mais longe: ao explicar o que originou a perdição de um ser obcecado com a sua imagem, deixa antever a sua perspetiva do amor verdadeiro: “não de olhar/ nem de húmidos beijos se perfaz o amor”. De facto, o sujeito da enunciação, lúcido e clarividente, consegue perceber que o amor platónico (olhar) e o sensual (húmidos beijos) são apenas vertentes de um sentimento mais grandioso: o amor. E foi precisamente esse equívoco que conduziu Narciso à sua inevitável destruição.

Resta acrescentar que não há referência, no poema de Jorge de Sena, à flor que nascerá no local onde Narciso morreu, tal como referencia a mitologia. A omissão desse pormenor serve a intencionalidade discursiva do sujeito que, para além de descrever a morte da figura mitológica, pretende discorrer sobre a condição humana. Para isso, ele não poderia referir-se à flor que viria contrariar a sua postura crítica e o tom de desilusão que se pressente em cada verso deste poema.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto no poema de Sena como no de José Régio, Narciso surge como um duplo ser: ele é “simultaneamente o eu que olha e o outro que é olhado, o sujeito e o objeto do desejo” (Rocha, 1992, p. 51). Por isso, ele é, como aliás já era no mito, realidade e ilusão: existe corporeamente mas enamora-se de uma imagem refletida nas águas espelhadas, que se tornam traiçoeiras. Também o escritor, ao escolher o

especular terreno (escorregadio e permeável) das palavras, procura encontrar-se, eternizar-se pela escrita (Rocha, 1992, p. 51), dar sentido ao seu mundo interior, mas aquilo que escreve ultrapassa o domínio das verdades absolutas e da sinceridade incontestada. O sujeito empírico cria um sujeito textual, “representação funcional de uma série de traços que operam a inserção do texto no conjunto mais lato das práticas sociais e simbólicas” (Buescu, 1998, p. 25), mas isso não significa que haja coincidência total entre ambos.

Diríamos, para finalizar, que “a Arte não cria novos mitos, mas [...] apenas reanima e recria os mitos antigos” (Cachada, 2000, p. 41). Assim, e apesar de se basearem ambos no mito de Narciso, Régio e Sena criaram textos poéticos perspetivando o referente de ângulos diferentes. Parecem aqui fazer sentido as palavras de Cachada (2000), quando defende que

O papel da poesia consistirá em recuperar todas estas propriedades do mito, enriquecendo-o com novos elementos. A literatura, também manifestação artística do homem, tem no mito o seu fundo temático, serve-se deste ora nutrindo-se de personagens e temas míticos, ora como elemento de enquadramento e referente esclarecedor de personagens ou acções simbólicas e metafóricas (p. 11).

Poder-se-ia, portanto, considerar que os dois poemas agora estudados se “debruçam” narcisicamente sobre si mesmos não havendo comunicação efetiva entre eles. Contudo, para além do referente que serviu de elemento unificador, também o recetor tem uma atitude dinâmica no processo que o une ao criador e ao objeto criado: pela interpretação, ele tem a capacidade de ativar os mecanismos que poderão estabelecer relações formais e estruturais entre os textos.

A literatura, em síntese, aproveita as possibilidades plurissignificativas, polifónicas e polimórficas da palavra para criar imagens na mente de quem lê. Por isso, o Narciso que encontramos revisitado por Régio e por Sena não é o mesmo que encontramos na mitologia grega, não é o Narciso de todos quantos, ao longo da história da Humanidade, se inspiraram na figura mitológica para a recriarem pela palavra poética. Não é o Narciso de Holderlin, de Paul Valéry, de André Gide, de Miguel Torga, de Vitorino Nemésio, de Sophia. É o Narciso em que nós, leitores, nos projetamos ou que dele divergimos, mas em que reencontramos, na essência, aquilo de que somos feitos, porque “a interacção obtida entre mito e poesia se [reveste] de um carácter necessário e fecundante. Sem ela, o mito perder-se-ia; com ela, estabelecem-se feixes de relações entre as estruturas imanentes do mito, permitindo a sua revitalização” (Cachada, 2000, p. 11), tal como Régio e Sena, idiossincriticamente, o fizeram nos poemas analisados.

REFERÊNCIAS

- ABREU-BERNARDES, S. (s/d). **O mito de Narciso: uma reflexão fenomenológica.** *Educação, arte e filosofia*. N.º 1. Acedido em 15 de agosto de 2020. Disponível em revistas.uniube.br/index.php/anais/article/viewFile/440/459
- BACHELARD, G. **A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1998
- BUESCU, H. **Em Busca do Autor Perdido.** Lisboa: Edições Cosmos, 1998
- ROCHA, C. **As máscaras de Narciso.** *Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal.* Coimbra: Almedina, 1992
- VELOSO, A. **O mito de Narciso na poesia portuguesa contemporânea.** *Humanitas.* Coimbra: Coimbra University Press. Acedido em 27 de agosto de 2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316.2/29369>, 1992
- CACHADA, L. **Metamorfoses de Narciso na poesia de José Régio,** Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2000
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário dos Símbolos.** Lisboa: Teorema, 1994
- KRAUSS, A. **O mito de Narciso sob o olhar de Leminski: uma metamorfose lírica.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2016
- LEMINSKI, P. **Metaformose – Uma viagem pelo imaginário grego.** São Paulo: Iluminuras, 1998
- VASCONCELLOS, P. **Mitos Gregos.** São Paulo: Editora Objetivo, 1998
- ZIPES, J. **Fairy Tale as Myth/Myth as Fairy Tale.** Lexington: Univerity Press of Kentucky, 1993

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 2, 6, 43, 158, 160, 213, 223, 225

C

Cinema 43, 44, 49, 52, 62, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222

Conto 24, 25, 28, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Coral 31, 130, 131, 160, 176, 201, 205, 206

D

Discurso 9, 20, 40, 44, 47, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 105, 106, 107, 108, 129, 135, 136, 140, 157, 161, 207

E

Empoderamento 14, 15, 26, 27

Estado novo 129

Etnografia 8, 111, 113, 121

I

Identidade 1, 10, 13, 18, 24, 25, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 77, 84, 90, 105, 106, 214, 228, 233, 238

Imigração 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61

K

KPOP 233

L

Letras 2, 49, 50, 75, 76, 91, 100, 120, 121, 132, 135, 141, 158, 208, 223, 224, 226, 228, 233, 238

Linguística 2, 9, 79, 88, 158, 183, 192, 210, 235, 238

Literatura 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 24, 26, 27, 28, 29, 39, 40, 42, 43, 44, 49, 50, 53, 63, 67, 68, 75, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 109, 110, 112, 113, 114, 176, 211, 212, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 227, 231, 238

M

Mito 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110

Modelo Bennett 233, 235, 236

Mulheres 14, 15, 17, 18, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 38, 39, 93, 103, 126, 136, 137, 225, 227, 229, 230, 231

Música 9, 37, 42, 43, 46, 49, 130, 131, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 174, 175, 176, 180, 182, 201, 202, 203, 205, 206, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236

Musicoterapia 211, 212, 213, 215, 216, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232

N

Neurociência 185

P

Perspectivas 2, 26, 43, 70, 160

Piano 160, 161, 162, 164, 166, 170, 171, 173, 175

Poesia 1, 7, 9, 10, 11, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 83, 87, 89, 90, 103, 109, 110, 114, 115, 117, 121

Poéticas 1, 13, 77, 80, 86

R

Romances 14, 59, 92, 95, 99

S

Saberes científicos 2

Sala de aula 40, 41, 44, 49, 208

Samba 4, 5, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 149, 150, 151, 152

Semiótica 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 92, 102

T

Teoria da inteligência multifocal 176, 178, 180, 192, 193, 200, 205, 206

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2020